

o tiro

Vitor Siqueira Macieira¹

Decerto deveria correr pela boca miúda que éramos uma família patológica. Um primo ou outro, um tio ou outro até poderia passar por normal, se é que essa categoria existe, mas, de modo geral, estávamos todos, em algum grau, na lista dos patológicos.

Era década de 1970. Não me ocorre bem a data, mas suponho que fosse 74. Um fim de tarde? Morrer logo de manhã deve ser sinal de maior desespero ainda. Imagina! Logo após tomar um café, a morte. Com ou sem açúcar, perguntaria ela? Ele deve ter emitido algum som, um grunhindo, pois logo me senti impelido a cortar o papinho. Vamos ao que interessa.

Estampido ocre. Sim, ocre. Jamais ouviu em sinestesia? Uma história tão fedida deve ter suas nuances características, vai que essa seja a sua. Como se estivesse curioso nesse movimento, interpelou-me a continuar descrevendo, o exercício de memória é importante, emenda ele. Ao que continuei, afirmando que cheirava carne podre, sangue vivo, quente e condensado no lago avermelhado que se formou rapidamente ao redor da cabeça. Com o cinismo que lhe parece próprio, a morte, no momento em que é consumada, nos reduz a uma estrutura inerte, a um fragmento de corpo, a uma lembrança de vida. Pouco importa como morremos, quando, onde. Esses dados catalográficos ressoam nos sobreviventes.

Novamente interrompido pelo ouvinte, reapareceu na cena o estampido. Logo me foi solicitado falar mais sobre ele. Por que um estampido? Sei lá, dizia um tanto impaciente. Essa mania de questionar tudo tinha seus pontos de irritação. Insatisfeito com a interrupção, acrescentei: som não pode ser estampido? Nada. Silêncio. Mais bravo, enlacei o último comentário ao próximo, que desgraça de som estampado!

A fagulha gerada pela associação entre som e estampa destravou outro grunhindo dele, que, agora, passava e emitir longos *huns*, o que, no limite, me incentivavam a escarafunchar essa linha de pensamento. Não sei bem o motivo que me levou a usar o termo *estampido*, mas me pareceu bom assim.

Como você sabe, eu não estava lá no exato momento. É um trabalho de memória e, veja, um resgate de memória pela fantasia e pela contaminação da memória dos Outros. Se tivesse presenciado a cena ao vivo, talvez a descrição seria igualmente outra. Pouco importa, na verdade. Sinto-me fixado a essa ideia da estampa, tal como se o barulho metálico indo de encontro àquela carne morta-viva tivesse imprimido uma estampa, a patológica, à minha família. Estampa, mancha, símbolo. Quais sejam os substantivos que melhor apetercerem aos enunciadores do momento, nunca restou dúvida: somos todos patológicos desse tiro.

Quanto mais tentava colar palavras a essa cena, mais a minha existência parecia tomar contornos estranhos. Se antes pairavam dúvidas sobre quem, de fato, seria eu, agora, à medida que me debruço sobre esse fétido arcabouço da memória, contorno-me de novos limites dúbios, como se já não conseguisse mais distinguir ficção de realidade,

¹ É professor efetivo de língua portuguesa da Secretaria de Educação do Espírito Santo. Doutorando em estudos literários e mestre em linguística pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Licenciado em Letras Português e Francês também pela mesma instituição. Dedicou-se ao estudo da literatura brasileira contemporânea, especialmente à produção de Chico Buarque. É membro dos grupos de estudos Discurso e Ideologia (Grudi) e Textos em relação: intersecções, leituras, história, arte e sociedade. E-mail: vitorsmacieira@gmail.com.

memória de presente. Subitamente me veio à consciência a imagem de um aprisionamento. Cela ocre (sim, ocre, caro leitor). Cômodo apertado, úmido, insalubre. Acorrentado a uma pena que não me soou justa, esbravejava – ora com mais energia, ora com muito desgaste – uma remissão. Nesse ponto, intrigado pelo significante da prisão, ele me convida a observar meu corpo. Tinha as mãos cerradas na altura do peito e trazia os pés dobrados, pressionando o estofado. O que lhe parece, questiona-me. Não sei, respondia-lhe. Mas você sabe, continuei, essa é a imagem de minha vida. Epifanias à parte, era o aprisionamento – da vida à morte, do corpo à memória, do tiro ao suicídio.

Com o perdão da intrusão, leitor, pois não me pretendo fazer machadiano, é preciso encerrar por aqui. Não estive em 1974, nunca soube se foi manhã, tarde ou noite, mas trazia imagem, cor, som e cheiro do tiro, que, na análise semanal, não deixava de ser resgatado pela memória de um passado que não cessa de voltar. O tiro do meu avô fodeu a família.